



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## **A MEMÓRIA COLETIVA E A FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Luciana Canário Mendes\*  
(UESB)

Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho\*\*  
(UESB)

### **RESUMO**

O presente trabalho objetiva relacionar a categoria memória coletiva, cunhada por Maurice Halbwachs, com o processo de implantação da Faculdade de Formação de Professor em Vitória da Conquista – Ba. Esta relação torna-se necessária para recompor a atuação, no campo das memórias coletivas, dos grupos sociais fundadores desta Instituição (docentes, discentes e funcionários), por meio de experiências compartilhadas historicamente enfatizando que, ao longo do tempo essas pessoas permaneceram ou se atualizaram para além deste grupo, transformando-o e constituindo uma memória coletiva e social que nos propomos investigar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Faculdade de Formação de Professores. Memória Coletiva. Vitória da Conquista

### **INTRODUÇÃO**

A memória é um objeto de estudo que se encontra na interseção de diversas disciplinas: a filosofia, a história, a psicanálise, a sociologia, a antropologia, dentre outras, por isso, ela tem sido tomada como um objeto privilegiado pela possibilidade de diálogo com os diversos campos do saber. Especificadamente, nas

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade/UESB. Bolsista Capes. E-mail: lucianacanario@gmail.com.

\*\*Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. E-mail: meudglnet@com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ciências humanas e sociais, a memória tem sido relacionada com uma visão de passado compartilhada pelos grupos sociais. Nesse sentido, o presente ensaio tem como objetivo apresentar uma primeira tentativa de aproximação entre o campo da memória com o nosso objeto de estudo<sup>135</sup>, a partir da revisita do conceito de “memória coletiva”, que consideramos pertinente para a análise do processo de implantação da Faculdade de Formação de Professores em Vitória da Conquista – BA.

Essa discussão nos remete a Maurice Halbwachs (1877-1945) que foi o primeiro teórico a analisar, de maneira sistemática, o caráter social da memória, com influência marcadamente durkheimiana, pois se contrapôs à ideia de que a memória é um fenômeno eminentemente individual, biológico, dominante nas pesquisas daquele momento.

Na obra “*A memória coletiva*”, publicada postumamente em 1950, Halbwachs propõe um sistemático percurso sociológico da memória, pois assegura que uma memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, que por sua vez, constitui as lembranças:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Evidenciando o caráter social da memória, Halbwachs (2006) ressalta que para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos literais, mas sim uma base comum ou muitos pontos de contato entre as memórias.

---

<sup>135</sup>A presente pesquisa tem como objeto a Faculdade de Formação de Professores em Vitória da Conquista – BA: a história e a memória de uma instituição escolar, realizada no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade/UESB, sob a orientação da prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup>. Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Portanto, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ocupo e com as relações que mantenho (op. cit., p. 69).

Nessa interpretação, Halbwachs assegura que a memória, mesmo sendo individual, ela abrange as dimensões coletivas, já que as lembranças individuais se amparam nas lembranças de outras pessoas ou do grupo de pertencimento. Em outras palavras, as lembranças de um determinado evento fazem-se mais facilmente presentes no indivíduo quando ele participa de um determinado grupo e nele compartilha as experiências

Para este autor, a memória tem como suporte a linguagem<sup>136</sup>, que pode ser considerada como o marco social mais elemental e estável, pois ela possibilita a construção, transmissão e recordação dos conteúdos. E, é ela quem permite a formulação de uma narrativa do “passado vivido” do indivíduo.

No que concerne à definição de um marco social da memória, Namer assegura que Halbwachs a utilizou inicialmente em 1912 para se referir a uma estrutura que unifica o pensamento de um grupo ou de uma classe social, portanto, se caracteriza por um sistema de representações de valores e necessidades centrais: “el marco social es un conjunto de mecanismos que permiten un conocimiento; em el primer Halbwachs, es una visión del mundo animada por un sistema de valores” (NAMER, 2004, p. 375). E acrescenta, “el marco de um sistema de valores que unifica tanto los pensamientos como las memorias colectivas” (idem, p. 390).

Desse modo, podemos inferir que, para Halbwachs, os marcos sociais são imprescindíveis no processo de recordações individuais, pois correspondem a combinação de recordações individuais de muitos membros sociais. Além disso, os homens pertencem, ao mesmo tempo, a diversos grupos e a recordação de um

---

<sup>136</sup> Segundo Namer (2004), um estudioso da teoria halbwachiana, a memória individual é sustentada pelos marcos sociais e linguísticos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mesmo ato pode apresentar-se em vários marcos, que dependem de memórias coletivas diferentes (HALBWACHS, 2004, p. 173).

Para este autor, a memória coletiva se solidifica na continuidade, pois só retém do passado o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém e, deve ser vista sempre no plural – pois são memórias coletivas múltiplas, de diferentes grupos sociais situados num contexto espacial e temporal.

Em relação ao contexto físico, Halbwachs assegura que ele é uma realidade que dura, assim, não há um grupo ou um gênero de atividade coletiva que não tenha nenhuma relação com o lugar, com o espaço (p. 170), com a imagem de permanência, ou seja,

O espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Contrapondo-se a essa noção de estabilidade que permite a continuidade da memória dos grupos sociais, Halbwachs assegura que na trama da temporalidade “não há um tempo universal e único, mas a sociedade se decompõe em uma multiplicidade de grupos, cada um com sua própria duração” (p. 153), uma vez que, os tempos são diferentes e não há nenhum que se imponha a todos os grupos (p. 137). Nas palavras do autor:

[...] são as repercussões, não o acontecimento, que entram na memória de um povo que passa pelo evento, e somente a partir do momento em que elas o atingem. Pouco importa que os fatos tenham ocorrido no mesmo ano, se esta simultaneidade não foi observada pelos contemporâneos. Cada grupo localmente definido tem sua própria memória e uma representação só dele de seu tempo. (HALBWACHS, 2006, p.130)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Diante do exposto, podemos inferir que, toda recordação<sup>137</sup> individual é sustentada pela memória coletiva, ou seja, por um contexto social constituído pela linguagem e pelas noções e representações do tempo e do espaço e, há tantas maneiras de representar o espaço quantos grupos existem<sup>138</sup>.

Essa breve revisita ora aqui apresentada referente à categoria memória coletiva, não tem a pretensão de abarcar a vasta influência deste autor para as ciências humanas e sociais, uma vez que, seus postulados serviram de referência para estudos posteriores relacionados à memória. Entretanto, faz-se necessário revisitar o pensamento halbwachiano concernente a memória individual, que é construída a partir de referências e lembranças próprias do grupo, pois, refere-se a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”, ou seja, na memória de um grupo se destacam as lembranças e as experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que se relacionam com os grupos mais próximos,

É claro que a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa a trama sincrônica da existência social *atual*, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem (2006, p. 12).

Considerando que os indivíduos estão imersos nesta trama social, compreendemos que, à medida que, cada sujeito considera alguma lembrança do passado importante, ele passa a ter uma representação coletiva, logo a memória se constitui numa memória social. Nessa interpretação, objetivamos investigar a história e a memória constituída sobre o ensino superior em Vitória da Conquista –

---

<sup>137</sup> Para Halbwachs (2006, p. 42) recordar significa voltar a evocar, mediante a interação social, a linguagem, etc., ou seja, reatualizar a memória do grupo social de pertencimento.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

BA, na década de 1970<sup>139</sup>, tendo como eixo central a Faculdade de Formação de Professores em Vitória da Conquista (FFPVC). Convém lembrar que, no campo da memória, almejamos investigar qual foi à memória coletiva e social constituída sobre o processo de construção e implantação da referida Faculdade.

A partir de uma base comum de recordações, de valores, de normas, pretendemos recuperar determinadas vivências passadas, reconduzindo-as a um contexto específico de tempo, espaço e relações sociais dos sujeitos partícipes na implantação dessa instituição, a saber, primeiros funcionários, professores e alunos. Porque, na verdade, a memória coletiva pode ser entendida como “emprego e representação do tempo por parte de um grupo, de uma instituição, de uma sociedade” (MONTEPERELLI, 2004, p. 77).

Por meio, dos primeiros relatos orais, abstraídos pela memória dos ex-professores, funcionários e alunos, podemos perceber que, mesmo com o ingresso de novas pessoas, independente de sua função na instituição, havia uma continuidade coesiva nas interações sociais do grupo, conforme Halbwachs assegurava, seria as permanências e continuidades de valores dos grupos. Sendo assim, os testemunhos constituem importantes mecanismos da memória, pois através do relato é possível perceber as permanências nos traços de lembranças. Desse modo, a concepção de memória coletiva apresentada pelo referido autor é imprescindível para compreender as informações guardadas pelos indivíduos que asseguram a coesão do grupo e o sentimento de pertencimento entre os membros do grupo. Caso as experiências sejam esquecidas, podemos inferir a ausência de pertencimento das lembranças. Em tempo, destacamos o papel do pesquisador, conforme assegura Montesperelli (2004): “el investigador deberá discernir e integrar los variados testimonios, teniendo em cuenta el hecho de que las

---

<sup>139</sup> A delimitação do período histórico, década de 70, se deu por conta do efetivo funcionamento da Faculdade, com os primeiros vestibulares, primeiros cursos implantados (Letras, Estudos Sociais e Ciências), primeiras contratações (professores e funcionários), primeiras sedes, etc. Contudo, não nos prendemos a delimitação do período com tanta rigidez que nos impeça de fazer algumas incursões para antes ou diante deste recorte.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

informaciones recogidas em fuentes institucionales a menudo son seleccionadas según los critérios del poder” (p 47-48).

Além disso, a memória histórica – escrita e oral – desses acontecimentos aponta para a investigação da Faculdade de Sociologia e Política, implantada em Vitória da Conquista na década de 1960, especificamente nos anos de 1965, que funcionou, num primeiro momento, nas instalações no antigo Colégio São José e, posteriormente, no extinto Colégio Batista Conquistense. Alguns relatos destacam que, devido à repressão ditatorial, esta Faculdade, bem como os demais cursos de Sociologia existentes no Brasil, foi extinta.

Convém lembrar que, na presente pesquisa, além de recorrer aos depoimentos de pessoas que foram partícipes deste processo histórico, temos utilizado como procedimento metodológico a análise histórica e documental<sup>140</sup>, tanto escrita como iconográfica, nesse interim, estamos localizando fotografias e jornais que trazem registros sobre tal fato, em arquivos públicos e particulares.

Em suma, esse projeto visa analisar a constituição da educação superior em Vitória da Conquista, tendo como foco uma instituição escolar, a Faculdade de Formação de Professor, que foi fruto de interesses contraditórios de ordem econômica, política, ideológica, religiosa e cultural, dentre outros. Bem como recuperar aspectos que sustentam a memória individual, coletiva e social constituída sobre a educação superior nesta cidade.

## CONCLUSÕES

Com esse panorama traçado, entendemos que são imprescindíveis os estudos empreendidos por Halbwachs, para a compreensão da memória coletiva

---

<sup>140</sup> Para Nunes (2004), os documentos escolares se referem aos elementos relacionados com a vida da instituição escolar e apresenta a pluralidade de fontes documentais, produzidas na própria instituição que, constituem importantes fontes de pesquisa, contidas na biblioteca, secretaria, contabilidade, livros permanentes, documentos de alunos e de professores, etc.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

guardada pelos grupos sociais que experienciaram os processos de implantação da educação superior em Vitória da Conquista.

Com esta intenção, destacamos ainda as proposições de Le Goff (1996) o qual reconhece que a memória coletiva é passível de manipulação nas lutas pelo poder e, destaca: “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. Assim, a memória coletiva é um instrumento e objeto de poder e está sujeita tanto a lembrança quanto ao esquecimento. Tudo isto envolve os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais do ensino superior baiano, e no que é de interesse que seja lembrado ou esquecido acerca desta temática.

Tais estudos precisam ser retomados em outros momentos, principalmente pelo caráter multimodal da memória. Sendo assim, acreditamos imprescindível revisitar o campo da memória coletiva a luz da teoria, neste e em outros momentos, seja por educadores e/ou pesquisadores das ciências sociais e humanas, sobretudo, porque tal temática envolve transmissão de valores, saberes e conflitos de uma sociedade.

## REFERÊNCIAS

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 6. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- NAMER, Gérard. Posfácio. In: **Os marcos sociais da memória**. Universidade Central da Venezuela, 2004.
- NUNES, Antonietta d’Aguiar. **Arquivos e Fontes Documentais Escolares**. Minicurso proferido no IV Colóquio Museu Pedagógico da UESB – Nov. 2004.
- MONTEPERELLI, Paolo. **Sociología de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.